



CEST

Centro de Estudos Sociedade e Tecnologia



Universidade de São Paulo

Boletim - Volume 4, Número 2, Março/2019

30 anos da WWW: desafios, conquistas e preocupações

Vera C. Queiroz

Há 30 anos atrás, em 12 de março de 1989, Tim Berners-Lee - físico britânico, cientista da computação e professor do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (*Massachusetts Institute of Technology* - MIT)- criou a *World Wide Web* a partir de uma proposta que tinha como objetivo convencer a gerência do CERN (*Conseil Européen pour la Recherche Nucléaire*) de que a criação de um sistema global de hipertexto (*hypertext*) era do interesse do maior laboratório de física de partículas do mundo, porque ajudaria no gerenciamento de informações gerais sobre os aceleradores e seus experimentos.

Foi graças ao gesto de Berners-Lee, ao desistir dos direitos autorais e propriedade intelectual de sua criação, que a *web* pode se tornar livre, aberta e pública. No entanto, como Berners-Lee aponta: "Hoje, metade do mundo está *online*. É mais urgente do que nunca garantir que a outra metade não seja deixada para trás, *offline*, para que todos contribuam para uma *web* que gere igualdade, oportunidade e criatividade"; portanto, a acessibilidade será um dos desafios a serem enfrentados nos próximos anos.

Para comemorar os 30 anos da *WWW*, Berners-Lee, publicou uma carta aberta no site da **Web Foundation** na qual alerta para três fontes de "disfunção" que afetam a *web*:

- Atividades maliciosas, tais como *backing*, comportamentos criminosos e assédio *online*;
- *Design* de sistemas de criação de incentivos perversos que sacrificam o valor do usuário, como a disseminação viral de desinformação;
- Consequências negativas não intencionais, tais como discursos agressivos e polarização.

Nessa mesma carta, o cientista também faz um apelo à comunidade global para que a *web* se torne "reconhecida como um direito humano e criada para o bem público".

Apesar das questões preocupantes apontadas por Berners-Lee, muitos são os benefícios oriundos da criação da *web* que perpassam pela educação, vida social, lazer, cultura, mundo financeiro,

economia e política. É possível saber o que se passa no mundo todo em tempo real com apenas um *click* na tecla do computador.

Pesquisas e estudos são realizados (individual ou coletivamente) sem que deixemos nossas casas ou locais de trabalho. Tudo na *web* se torna mais rápido e fácil de ser buscado. Com a *web*, mudaram-se as formas de viver, agir e de se comunicar e ainda haverá outras transformações na sociedade advindas dos avanços, usos e interações humano-tecnológicas que poderão ser feitos na e por meio da *web*.

Conceitos e percepção de tempo e espaço são ressignificados, uma vez que se diluem ou dissipam as barreiras a eles atribuídas. A comunicação e interação se tornam mais fluidas e dinâmicas e se realizam de forma síncrona ou assíncrona,

dependendo dos anseios e possibilidades dos usuários.

A ampliação da *WWW* e as possibilidades de comunicação e interação entre pessoas que se encontram distantes geograficamente e em fusos horários distintos possibilitadas pela conexão *online* transformaram o mundo em que vivemos em uma autêntica aldeia global.

As relações pessoais e sociais se estreitam, indivíduos se identificam e comportamentos são compartilhados entre as várias tribos ou comunidades que se formam na *web*, inicialmente a partir de interesses e desejos comuns.

A questão do pertencimento ao grupo virtual é fundamental para a construção de relações baseadas na confiança, na empatia e na sociabilidade colaborativa. Enfim, as

[...] que a *web* se torne "reconhecida como um direito humano e criada para o bem público".



relações *online*, assim como as *offline* são criadas e mantidas por meio de vínculos socioafetivos que os indivíduos estabelecem entre si. O relacionar com o 'outro' impacta emocionalmente nas afinidades ou nas suas divergências.

O homem atrás da máquina

Quando se pensa a respeito das aberturas possibilitadas pela *web* de interação e comunicação entre os indivíduos do mundo todo, uma questão paira no ar. Será que comportamentos e valores éticos são modificados no e pelo meio digital?

A resposta possivelmente é negativa. Comportamentos e valores são inerentes ao ser humano, independente do espaço em que atuam ou naveguem (seja este físico ou virtual). No entanto, comportamentos e valores podem ser reforçados ou ampliados quando sentimentos, emoções e conhecimentos são compartilhados e associados a vontades e interesses comuns e identidades similares identificadas.

Segundo Freud, nossos desejos e memórias influenciam nossos comportamentos, e estudos da psicologia mostram que diversos aspectos sociais e individuais determinam o comportamento humano: a história de vida do indivíduo socialmente construída ao longo do tempo e o meio social em que ele se insere.

Sherry Turkle, renomada psicóloga que realiza pesquisas sobre a interação humano-tecnológica em uma apresentação no **TED Talks** em 2012 intitulado "*Connected, but alone?*", chama atenção para o fato de os indivíduos estarem se acostumando a uma nova forma de ser, em que se cria a ilusão de estar junto quando na realidade se está sozinho. Para a pesquisadora, estamos criando tecnologias que nos levam a crer na existência de companheirismo, mas sem exigências por amizades.

Outra ponderação importante é feita por Christian Dunker, psicanalista e professor titular da Universidade de São Paulo que estuda o comportamento nas redes sociais. Em entrevista concedida ao jornal Estadão em dezembro de 2017, o professor diz que "as redes impactam o indivíduo na sua identificação de quem é, de quem é o outro e de quem somos juntos". Daí compreendermos o 'outro' a partir de nossa identificação com ele.

As considerações feitas por Turkle e por Dunker nos levam a pensar nas tribos ou comunidades que se formam na *web*, em seus envolvimento, atuações e comportamentos que podem ser para o bem ou para o mal, dependendo da natureza do indivíduo.

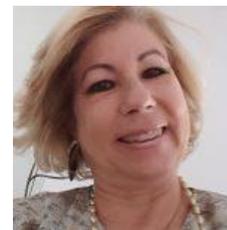
Na *web*, assim como no mundo real, formam-se tanto grupos ou comunidades que buscam interagir e compartilhar conhecimentos bons e profícuos para o bem comum e para a sociedade quanto os de submundo que disseminam o ódio, a raiva, o preconceito, a vingança e a intolerância.

Um exemplo recente de comportamento sórdido e de uso perverso foi veiculado em meados de março deste ano pela mídia. Trata-se do caso ocorrido em uma escola em Suzano, onde duas funcionárias

e cinco alunos foram assassinados cruelmente por dois ex-alunos da escola. Segundo investigações preliminares, os assassinos usaram a *Deep Web* durante um ano para planejar o crime. Mas, por que a *Deep Web*? Simplesmente para se esconder, já que a *Deep Web* é a rede obscura da Internet na qual se navega sem deixar rastros ou identificação. Os assassinos usaram a *web*, o que facilitou o plano criminoso. Teriam buscado outros meios, que lhes permitisse esconder seus planos e atos cruéis, não havendo a possibilidade de acessar a *web* e de nela ocultar sua identidade? Talvez, mas a resposta fica em aberto, servindo para reflexão.

Outro acontecimento recente que mostra um desvio de comportamento e um estado narcisista criado na rede foi o do massacre ocorrido contra 2 mesquitas na cidade de Christchurch, na Nova Zelândia. O atirador transmitiu o crime pelo *streaming* do Facebook, voltando toda a narrativa para si mesmo.

Nesses 30 anos da *web*, conquistas, desafios e preocupações sobre seu uso foram levantados. Sua potencialidade explorada. Porém, alertas precisam estar acessos para os comportamentos narcisistas, egoístas, egóicos e imorais que outrora afluíram no mundo real e que agora também florescem no virtual. Resta, portanto, apoiar a convocação de Bernes-Lee de tornar a *web* "uma força do bem", em detrimento de seus usos inapropriados, subversivos, ameaçadores e indecorosos.



Vera C. Queiroz é doutora em Educação pela Escola de Educação da Universidade de São Paulo e pesquisadora do CEST-USP.

Coordenador Acadêmico: Edison Spina

Este artigo resulta do trabalho de apuração e análise da autora, não refletindo obrigatoriamente a opinião do CEST.